

EUDORO DE SOUSA E A POÉTICA DE ARISTÓTELES

Jacyntho Lins Brandão*

BRANDÃO, J. L. (2012). "Eudoro de Sousa e a Poética de Aristóteles". *Archai* n. 8, jan-jun 2012, pp. 95-99.

RESUMO: Este artigo analisa a tradução para o português da Poética de Aristóteles, acompanhada de extensos comentários, publicada por Eudoro de Sousa em 1966.

PALAVRAS-CHAVE: Aristóteles, Poética, Tragédia Grega, Dionisismo, Eudoro de Sousa

ABSTRACT: This paper analyses the translation into Portuguese of Aristotle's Poetics published by Eudoro de Sousa in 1966 and accompanied by extensive commentary.

KEYWORDS: Aristotle, Poetics, Greek Tragedy, Dionysism, Eudoro de Sousa

* Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

Esta é a segunda vez que me dedico a comentar uma das obras de Eudoro de Sousa – o primeiro dos comentários tendo integrado o número de *Humanidades* a ele dedicado em setembro de 2003, sob a coordenação de Sonia Lacerda e José Otávio Nogueira Guimarães (cf. BRANDÃO, 2003). Algo que me chamou especialmente a atenção nesse dossiê, sobretudo da parte dos que tiveram o privilégio de ser alunos do homenageado, como Ordep Trindade Serra, foi a insistência no esquecimento em que obra e autor caíram já no final da vida deste (SERRA, 2003). Portanto, iniciativas como aquela e a presente visam a cumprir uma função de memória importante, a qual, no meu caso, não será memorialística, pois não tive o privilégio de outros, não tendo contato com aquele de quem trato mais que como leitor de seus escritos. Passar do memorialístico para a memória – ou da memória individual e privada dos que conheceram o autor para uma espécie de memória compartilhada por um público que conhece apenas a obra – implica fazer o Professor Eudoro passar da categoria de pessoa física para a de assunto, movimento para o qual espero dar mais uma vez minha contribuição.

O testemunho dos discípulos dos tempos do Centro de Estudos Clássicos na Universidade de Brasília é unânime em ressaltar alguns aspectos: a

erudição do mestre; sua exigência e rigor acadêmico; o interesse por um conjunto amplo de disciplinas, não só dos estudos clássicos, mas, nesse domínio específico, a concepção dos mesmos como uma autêntica *Classische Altertumswissenschaft* (o que hoje se chamaria de uma abordagem transdisciplinar); finalmente, a concentração de seu interesse em determinadas questões, exploradas em diferentes *corpora*. Esse último aspecto é que principalmente conforma o perfil intelectual de Eudoro de Sousa, desde a primeira publicação da *Poética* de Aristóteles, ainda em Lisboa (1951), até os últimos trabalhos aparecidos no Brasil, vinculados às atividades do Centro de Estudos Clássicos, criado em 1965, e à Universidade de Brasília, que ele ajudou a fundar em 1962 – o percurso brasileiro indo da retomada da tradução da *Poética*, refundida e acrescida de comentários e apêndices (ARISTÓTELES, 1966), até o volume intitulado *Mitologia* (SOUSA, 1980).

Minha intenção é situar a sua *Poética* no contexto – talvez na origem – dos interesses que marcam toda sua obra, os quais se tornam mais explícitos a partir de *Dioniso em Creta* (SOUSA, 1973), continuam com a tradução das *Bacantes* de Eurípedes (SOUSA, 1974), *Horizonte e complementaridade* (SOUSA, 1975), concluindo com o já citado *Mitologia*. Em termos disciplinares, pode-se dizer que o fio condutor de sua investigação seriam as relações ou tensões entre história, mito e filosofia, um fio, contudo, alimentado pela formação filológica, que lhe proporcionava sólida erudição e se poderia definir melhor como o conhecimento e cuidado com as fontes. Em termos do objeto de estudo e reflexão, declaradamente ou não, pode-se dizer que ele perseguiu toda a vida a figura de Dioniso – ou o dionisismo como expressão de uma *diacosmese*, para usar um termo pelo qual ele teve especial predileção.

Se esse esboço geral do que motiva e conduz sua obra estiver correto, uma questão impõe-se: como a *Poética* de Aristóteles, em que há, como no ditado antigo, quase “nada para Dioniso” (além da citação do próprio ditado), se insere no conjunto maior acima descrito e mesmo em seu princípio? Acredito que se trata de uma indagação de crucial pertinência, pois é no trabalho com a *Poética* que

mais se manifesta o filólogo, seja na tradução cuidada, seja nos comentários eruditos e nos apêndices que contêm uma quantidade de informações complementares sobre a tragédia capaz de fazer do volume, ainda nos nossos dias, uma obra de referência (mesmo que a edição de 1966, da Editora Globo de Porto Alegre, peque na preparação do texto).

Nunca será demais ressaltar o quanto esse trabalho teve difusão e influência a partir de sua publicação.¹ Na época de seu aparecimento, era raro encontrar traduções de textos gregos no Brasil e de fato a obra fugia da regra, com tudo o que oferecia de informações sobre a *Poética* (nos comentários) e sobre a tragédia (nos apêndices). Como declara Filomena Yoshie Hirata, trata-se de “uma obra única”, acrescentando: “Há cinquenta anos não havia aqui condições para a pesquisa bibliográfica que a sustenta. Cinquenta anos depois, não temos outra edição da *Poética*, ou mesmo qualquer tradução de obra clássica, que venha acompanhada de tanta erudição” (HIRATA, 2003, p. 105). Considerando-se essas peculiaridades, pode-se dizer que Eudoro de Sousa conformou a recepção da *Poética*, se não em língua portuguesa, pelo menos no Brasil,² com consequências para os estudos clássicos e, principalmente, a teoria da literatura, uma disciplina que, também no final dos anos 60 e na década seguinte, começava a introduzir-se nos currículos de Letras. Assim, um dos méritos da *Poética* segundo Eudoro de Sousa foi o de prover um conhecimento sólido da obra de Aristóteles, que, então, na qualidade de texto fundador das poéticas do Ocidente, despertava novo interesse e motivava novas leituras.

Minha expressão acima foi intencional: a *Poética* segundo Eudoro de Sousa. Não apenas porque qualquer tradução guarda muito do tradutor e não há tradução que leve de modo diáfano ao original, mas principalmente porque, no que cerca o texto de Aristóteles, Eudoro quis pôr muito de seu.³ É esse *de seu* que passo a explorar.

Em primeiro lugar, desde a introdução, ele insiste que a *Poética* trata da tragédia: há alguns capítulos iniciais de ordem mais geral, escreve ele, sobre a poesia e suas espécies, a definição de que toda poesia é imitação e a divisão desta de acordo com os meios, os objetos e os modos – e, em segui-

1. As várias edições dessa obra de Eudoro de Sousa são as seguintes: 1) a tradução, precedida de uma introdução, apareceu em Lisboa, Ed. Guimarães, 1951; 2) tradução, com prefácio, introdução, comentário e apêndices, Porto Alegre, Ed. Globo, 1966; 3) tradução, sem a introdução e os apêndices, São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1973, série “Os Pensadores” (reeditada várias vezes, pelas editoras Abril e Nova Cultural, a 4ª. edição desta última sendo de 1991); 4) tradução, com prefácio, introdução, comentário e apêndices, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986 (1ª. edição), 1990 (2ª. edição), 1992 (3ª. edição), 1994 (4ª. edição); 5) tradução, em edição bilíngue, com o texto grego de *Les Belles Lettres*, mas sem a introdução, comentários e apêndices, São Paulo, Ed. Ars Poetica, 1993. Como se vê, há um número importante de edições, no Brasil e em Portugal, o que faz deste trabalho o mais difundido de quantos produziu Eudoro de Sousa. É de lamentar que, das aparecidas no Brasil, apenas a primeira tenha sido completa, pois, como afirma Hirata, trata-se de “um grande livro, marcado pela pesquisa bibliográfica e vasta erudição, o que significa que sua publicação não deveria nunca ser feita com sacrifício de qualquer uma das partes” (HIRATA, 2003, p. 105).

2. Registre-se que, anteriormente à de Eudoro de Sousa, só tenho notícia de uma outra tradução da *Poética* para o português (de que a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro tem um exemplar): ela foi publicada em Lisboa, pela Oficina Tipográfica, em 1779, sem indicação do nome do tradutor (há divergência quanto a isso: alguns consideram que se deve a Antônio Ribeiro dos Santos, outros, a Ricardo Raimundo Nogueira, ambos professores de Direito na Universidade de Coimbra). Posteriormente à de Eudoro, registrem-se mais duas traduções em língua portuguesa: a primeira, de Jaime Bruna, publicada em São Paulo, em 1981, pela Ed. Cultrix, e constantemente reeditada (em 2005 já se encontrava na 12ª. edição); a segunda, mais recente, foi publicada em 2004, pela Fundação Calouste Gulbenkian, da autoria de Ana Maria Valente, que se encarrega também das notas, com prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Há ainda uma tradução por Antônio Pinto de

Carvalho, publicada no Rio de Janeiro, pela Tecnoprint, com inúmeras reedições, feita a partir do francês. Finalmente, a mesma Tecnoprint, em 1989, lançou um volume intitulado *Crítica e teoria literária na Antiguidade*, compreendendo Aristóteles, Horácio e Longino, em tradução de David Jardim Júnior.

3. Não farei comentários especificamente sobre as opções de tradução, recordando apenas um caso: como já observara Hirata, Eudoro traduz “*mythos* por ‘fábula’ e por ‘mito’, quando ‘enredo’ seria preferível a ‘fábula’” (HIRATA, 2003, p. 105). A opção por “mito”, com todas as conotações que tem para o leitor moderno, parece-me sintomática da ênfase que se procura pôr nas vinculações da tragédia com o culto dionisiaco e os mitos heroicos, como comento na sequência. Valente, por exemplo, opta preferencialmente por “enredo”, com exceção de em algumas poucas passagens, em que traduz o termo por “história” e “história tradicional” (ARISTÓTELES, 2004, especialmente p. 37, nota 1). Apenas para que se sinta a diferença, tomemos o famoso passo de 1450a 37: na tradução de Valente, “o enredo é, pois, o princípio e como que a alma da tragédia”; na de Eudoro, “o mito é o princípio e como que a alma da tragédia”.

4. Contraponha-se essa definição à de Aristóteles, na famosa passagem 1449b, que cito na tradução do próprio Eudoro: “É pois a tragédia imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua] não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções.” As diferenças podem ser assim resumidas: a) Aristóteles não restringe os temas da tragédia à lenda heroica, ainda que reconheça, em outros pontos, que são os predominantes (mas pode haver entrecchos inteiramente inventados pelo poeta, cf. 1451b); b) não se fala, na definição, que a tragédia é parte integrante do culto público no santuário de Dioniso; c) também não se fala explicitamente do coro de cidadãos; d) a referência à catarse

da, toda uma “segunda parte” (ou seja, o restante do texto) “inteiramente dedicada ao estudo da tragédia e à comparação dos gêneros trágico e épico”. Não diria que há, nessa afirmativa, alguma inexatidão, mas também não consideraria que essa seja a única forma de entender e descrever aquilo de que trata a *Poética*. Se é bem verdade que os comentários sobre a tragédia ocupam boa parte da obra, seu objeto é propriamente a poesia, não só uma de suas espécies, sendo por isso que ela se tornou o texto fundador de nossas poéticas, pela abertura que o modelo exposto no início forneceu para a teorização, o que eu resumiria assim: tudo que é poético é mimético, sendo a mimese que define o que é poesia (não o verso); as espécies poéticas classificam-se conforme usem meios diferentes, tratem de objetos diferentes e o façam de modos diferentes. Esses são os pressupostos teóricos, que pretendem uma validade universal – e com base nos quais a poesia volta a ser considerada em seu conjunto em outras partes da *Poética*, como quando é contraposta à história (no jogo entre dizer, esta, “o que aconteceu”, ao contrário daquela, que se ocupa de “o que poderia acontecer”), o que nos garante que as prescrições sobre as regras de necessidade e verossimilhança que se aplicam aos entrecchos (*mythoi*) não se reduzem ao “mito” da tragédia. Assim, a *Poética* segundo Eudoro implica numa ênfase no que diz respeito à tragédia, o que define sua leitura de Aristóteles. Um *Aristóteles trágico*, eu diria, parafraseando o título do livro de Cláudio Veloso – *Aristóteles mimético*, que põe a ênfase na mimese (VELOSO, 2004) – e confessando que eu próprio venho há algum tempo praticando um *Aristóteles poético*.

Um segundo aspecto da leitura de Eudoro é seu interesse pelo que Aristóteles (não) fornece sobre a história da tragédia. Como se sabe, as informações da *Poética* a esse respeito são brevíssimas, ocupando os parágrafos de 11 a 25, que, além do mais, não são inteiramente dedicados à tragédia. Ora, todo estudo introdutório de Eudoro tem como objetivo, de um certo modo, completar Aristóteles, valendo-se de todo conhecimento acumulado pela filologia clássica desde o século XIX. Ele toma como ponto de partida principalmente a tese de Walter Kranz, segundo a qual, nos exemplares mais antigos

das peças de Ésquilo (sobretudo nas *Suplicantes*), se pode surpreender o gênero em formação, ou seja, sua passagem da forma do ditirambo para a do drama: “a uma estrofe lírica, cantada pelo coro, sucede uma fala (‘epirrema’) do rei, em versos jâmbicos” (ARISTÓTELES, 1966, p. 34). Assim se associam o fundo coral com o diálogo e dessa associação surge a tragédia. Às hipóteses formuladas sobre o nascimento do gênero, aventadas na introdução, somam-se, nos apêndices, os inúmeros testemunhos, tomados de um número valioso de fontes antigas relativas ao ditirambo, a Árion, a Pratinas, Téspis etc. Ou seja: para a leitura proposta, propõe-se, coerentemente, toda uma documentação que a justifica. A esse nível Eudoro chama de “morfológico”, estabelecendo o postulado de que as formas da tragédia podem nos dizer de sua história.

O mais pessoal dessa leitura apresenta-se num terceiro momento, no qual também a história é ultrapassada. Eudoro parte do pressuposto de que há “duas espécies de soluções” para o problema da “origem e desenvolvimento da tragédia grega”: “a primeira, que se traduz em *morfologia histórica do poema trágico*, e a segunda, que se traduz em *fenomenologia religiosa da representação dramática*” (ARISTÓTELES, 1966, p. 42). Sem negar valor à primeira alternativa, ele admite que “o drama antigo, como qualquer forma de arte, ‘põe problemas que só a religião pode resolver’” (ARISTÓTELES, 1966, p. 43), ou seja, as relações do drama com a religião devem ser trazidas ao primeiro plano, o que implica explorar sua relação com Dioniso. Trata-se, pois, de todo um excuro para além de Aristóteles, que não se ocupou desses aspectos. É curioso, nesse sentido, que Eudoro declare as vantagens da definição de tragédia por Wilamowitz-Moellendorff com relação à de Aristóteles, porque nela a vinculação com Dioniso se expressa: a tragédia grega “é um trecho de lenda heroica, completo em si mesmo, poeticamente elaborado em estilo elevado, com o fim de ser representado, como parte integrante do culto público, no santuário de Dioniso, por um coro de cidadãos atenienses e dois ou três atores” (ARISTÓTELES, 1966, p. 50).⁴ Tratando-a de “notabilíssima”, Eudoro analisa detidamente cada um dos componentes dessa definição, para concluir: “em

primeiro lugar e essencialmente, a tragédia é, pois, um drama – ato do culto prestado a certa divindade: Dioniso” (ARISTÓTELES, 1966, p. 51).

Concentrando-se nessa vertente “fenomenológica” da origem da tragédia, Eudoro traça uma metodologia para sua exploração (que na verdade se mostra uma exploração de Dioniso): as origens da tragédia são “trans-históricas”, já que não “há inícios historiáveis”. Não se trata, nesse caso, de migrar da história para a pré-história, como ele afirma: “em vez de ‘pré-história’, melhor diríamos ‘sub-história’”, esclarecendo mais à frente: “as origens não são ‘pré-liminares’, mas ‘sub-liminares’; não são ‘pré-históricas’, mas ‘sub-históricas’; não são ‘pré-conscientes’, mas ‘sub-conscientes’”. Então conclui: “pois bem, o culto de Dioniso constitui a pré-história ou a sub-história da tragédia grega; o que quer dizer: em todo e qualquer momento do processo histórico-literário do gênero trágico, sob outras ‘letras’ terá sempre de revelar-se o mesmo ‘espírito’” (ARISTÓTELES, 1966, p. 44).

Assim, ele parte para o capítulo mais pessoal de seu comentário, dedicado a investigar “a essência da tragédia”. Sigamos alguns de seus postulados. Em primeiro lugar, uma constatação hegeliana: “a História dá-nos (...) uma tese e uma antítese: o deus e o herói; mas a síntese – o herói trágico – transcende a História” (ARISTÓTELES, 1966, p. 54). Para deslindar essa aporia, é preciso admitir que “o problema da tragédia é o segundo, e o da religião, o primeiro”. Cumpre então indagar o que é um deus grego, para encontrar a resposta no campo da filosofia: “um deus grego é o agente de uma ‘diacosmese’” (ARISTÓTELES, 1966, p. 55). Ele esclarece:

para os gregos, tantos ‘Universos’ havia, quantos deuses em que acreditavam, como agentes e representantes de uma ou outra ordem universal, física, humana e divina. Eis o que significa, segundo Crisipo, a palavra [diacosmese] no contexto de um fragmento preservado por Estobeu (...): ‘o kósmos é a divindade, por virtude da qual a diskósmesis tem princípio e fim’ (ARISTÓTELES, 1966, p. 56).

Passo seguinte: Dioniso, que constitui a sub-história da tragédia, a sub-consciência trágica e é

sub-liminar ao drama é uma “diacosmese”, ou seja, “o ordenador de certo kósmos, cuja natureza íntima se revela como *contradição*”. Então se chega enfim à conclusão que conduziu do problema da origem da tragédia para a questão do trágico, em consonância com as ideias, sobretudo, de Walter Otto sobre o dionisismo: “como dionisiaco, o Universo se nos revela sob o aspecto da *contradição*; (...) o kósmos nos aparece como em si mesmo contraditório: contraditório na Natureza, contraditório no Homem; contraditório na própria Divindade” (ARISTÓTELES, 1966, p. 56).

Esse é um ponto de chegada importante, que fornece chaves para leituras da questão do mito e do herói trágicos (partindo de Aristóteles, mas ultrapassando-o). São movimentos que se mostram cada vez mais abrangentes, em que se busca abarcar o sentido do trágico em todas as esferas da vida dos antigos, até sua codificação na *pólis*: “A ‘contradição implícita na lenda heroica’ – ele conclui – explica-se, por conseguinte, no trânsito da religiosidade tradicional para a eticidade política; e quando aparentemente irremediável, do ponto-de-vista da *pólis*, vem a ser sanada, do ponto-de-vista da *phýsis*, nasce a tragédia” (ARISTÓTELES, 1966, p. 64). Assim se reuniriam princípio e fim, mais exatamente, o ditirambo, donde Aristóteles afirma que procede a tragédia, com “a derradeira tragédia do último dos grandes trágicos”: as *Bacantes* de Eurípides. Peça a que Eudoro dedicou um curso recordado por seus discípulos como dos mais significativos (melhor: entusiasmados) e de que publicou uma tradução comentada.

A pergunta, portanto, sobre a posição e o papel que teve a *Poética* de Aristóteles no percurso intelectual de Eudoro de Sousa parece que pode encontrar uma resposta satisfatória: tudo para Dioniso. Num movimento curioso, pois se se deve censurar, conforme suas próprias palavras, o “desdenhoso silêncio ou descuidoso olvido da *Poética* no que respeita à origem da tragédia no culto de Dioniso ou dos Heróis, na Religião, em suma” (ARISTÓTELES, 1966, p. 63) – a “história literária” entrando em falência diante de tal empreitada –, parece que a missão que Eudoro se impôs, trabalhando com a *Poética*, foi restituir a Dioniso o que cria de Dioniso, produzir, digamos, um *Aristóteles dionisiaco*.

foi eliminada. Não quer dizer que informações acrescentadas não possam ser colhidas em outras partes da *Poética*. O que desejo salientar é apenas o que Eudoro de Sousa, ao preferir a versão de Wilamowitz, entende como essencial para *definir* a tragédia.

Uma empreitada consciente e consistente, concorde-se ou não com ela, baseada em vasto conhecimento das fontes e da erudição, sobretudo a de origem germânica, que permitiu a Eudoro de Sousa uma reflexão desdobrada por toda sua frutífera vida intelectual. O que permite, com justiça, proceder a sua passagem de autor para assunto, passagem para a qual espero ter contribuído.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES (1966). *Poética*. Introdução, tradução e comentários de Eudoro de Sousa. Porto Alegre, Globo.
- _____ (2004). *Poética*. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Introdução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Calouste Gulbenkian.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins (2003). Dioniso e a diacosmese na cultura helênica. *Humanidades*, v. 50, n. 1, p. 84-87.
- EURÍPIDES (1974). *As bacantes*. Introdução, tradução e comentários de Eudoro de Sousa. São Paulo, Duas Cidades.
- HIRATA, Filomena Yoshie (2003). As lições da *Poética*. *Humanidades*, v. 50, n. 1, p. 104-105.
- SERRA, Ordep José Trindade (2003). Traços à margem do horizonte. *Humanidades*, v. 50, n. 1, p. 88-95.
- SOUSA, Eudoro de (1973). *Dioniso em Creta e outros ensaios: estudos de mitologia e filosofia da Grécia antiga*. São Paulo, Duas Cidades.
- _____ (1975). *Horizonte e complementariedade: ensaio sobre a relação entre o mito e metafísica nos primeiros filósofos gregos*. São Paulo, Duas Cidades.
- _____ (1980). *Mitologia*. Brasília, Universidade de Brasília.
- VELOSO, Cláudio William (2004). *Aristóteles mimético*. São Paulo, Discurso Editorial.

Recebido em novembro de 2011.
Aprovado em dezembro de 2011.

